

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

também, todos aqueles que na destruição do *outro* tinham pensado encontrar a sua mais completa e suprema forma de realização» (p. 25). A interessante ideia de comunidade de destino permanece actual, mas os membros da comunidade e as circunstâncias históricas alteraram-se profundamente: «O projecto de Jean Monnet e Robert Schuman não tinha sido concebido para responder a qualquer ameaça externa, para a qual existiam outros dispositivos e se contava com a participação dos Estados Unidos, mas sim para pôr um termo às querelas intra-europeias e aos jogos de influência dos Estados-Membros mais poderosos, entre eles e com o exterior, nomeadamente também no quadro da política colonial» (p. 26).

E assim chegamos à segunda e última parte da Europa, ligando o Tratado de Lisboa ao Futuro da Europa, em jeito de conclusão e na convicção de que as «crises» são sinais de mudança e, por isso, vitais ao crescimento, também, europeu. A esse propósito é interessante ler o autor: «Uma crise é o primeiro sintoma de uma mudança, o sinal de que os equilíbrios automáticos que permitiam uma evolução normal da economia e da sociedade deixaram de ter lugar. É também um desafio: o de conseguirmos encontrar os meios de intervenção que permitam corrigir os desvios sem destruir os fundamentos» (p. 32).

O *Tratado de Lisboa e o Futuro da Europa* descreve de uma forma clara e sucinta, mas com o devido rigor, as questões fundamentais da actualidade europeia e os desafios que se colocam no presente ao processo da construção europeia, muito particularmente tendo como ponto de partida o Projecto de Constituição, e de chegada o Tratado de Lisboa. A oportunidade desta obra ganha, ainda, novo fôlego depois de 1 de Dezembro de 2009, data

histórica para a Construção Europeia, que parece responder à reflexão do autor sobre o Futuro da Europa. Afinal, a Europa tem futuro, ou, pelo menos, o presente mostra que a assinatura do Tratado de Lisboa foi uma resposta a esse futuro sempre (in) certo.

Num rasgo de optimismo, o autor faz um balanço entre o sonho dos fundadores e a realidade europeia: «Tudo isto, quase totalmente realizado hoje, em termos formais, faz parte daquilo que era ainda não há muito o *futuro* de Jean Monnet, desejado por todos os *Pais da Europa* fossem eles Robert Schuman, Konrad Adenauer, Paul-Henri Spaak ou Alcide Gasperi. Desejando, mas talvez difícil de prever a um ritmo tão rápido» (p. 26). O espírito visionário concretizara-se: «Mas em tudo isto, o *futuro de Jean Monnet* revelou-se fecundo e mantém-se ainda promissor. Verificou-se, assim, que era ele que tinha razão» (p. 27). A Crise da Europa foi, desta forma, e mais uma vez, como todas as crises, essencial para perspectivar o seu futuro.

Isabel Baltazar

Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT/CEIS20

---

CHABAN, Natalia, HOLLAND, Martin and RYAN, Peter [eds.] – *The EU through the Eyes of Asia. Volume II: New Cases, New Findings*. Singapore: World Scientific Publishing, 2009. ISBN 9814289817

O gradual estreitamento de relações entre a União Europeia (UE) e a Ásia, que actualmente coloca sérios desafios à Política Externa comunitária, tem vindo a motivar um leque de trabalhos académi-

cos, centrados sobretudo numa vertente económica e estratégica. Ancorada neste amplo substrato teórico, a obra *The EU through the Eyes of Asia, Volume II: New Cases, New Findings* desenvolve, todavia, uma linha de pesquisa específica e, até à data, pouco explorada: as percepções dos media, das elites e dos cidadãos asiáticos sobre a UE. Para a sua relevância também terá certamente contribuído a data de publicação (Dezembro de 2009), poucos dias após a entrada em vigor do Tratado de Lisboa, que infligiu mudanças institucionais significativas no perfil da UE como actor global.

No entanto, a investigação subjacente ao livro inscreve-se numa iniciativa que, lançada em 2006, antecede em larga medida a ratificação deste novo documento fundamental. Trata-se do Projecto «A UE no Olhar da Ásia», actividade inaugural da rede *European Studies in Asia – ESiA*<sup>5</sup>, numa parceria entre o *National Centre for Research on Europe – NCRE* (ao qual pertencem os Professores Natalia Chaban e Martin Holland) e a *Asia-Europe Foundation – ASEF* (de cuja Direcção Peter Ryan faz parte).

A principal indagação do estudo – «De que modo é a UE percebida na Ásia?» – plasma-se numa amostra constituída por um vasto conjunto de países e/ou regiões administrativas: China, Hong Kong, Coreia do Sul, Japão, Singapura, Tailândia, Indonésia, Filipinas e Vietname. Pretende-se, desta maneira, conferir uma dimensão empírica às representações de uma realidade que, geograficamente distante, mantém evidentes ligações culturais, políticas e económicas com as regiões em foco. Este propósito aparece balizado pelo argumento, patente num relatório

---

<sup>5</sup> Vide página oficial da Rede em <http://esia.asef.org/>.

da Comissão Europeia citado nas notas introdutórias (p. 2), de que «a Europa não existe sem a não-Europa» e «a Europa apenas se concretiza no espelho dos Outros». E se o discurso comunitário oficial parece legitimar a análise, é precisamente no seio da UE que aquela se deseja cumprir, através da disponibilização de dados científicos e recomendações susceptíveis de incrementar o desempenho da Europa no mundo.

*The EU through the Eyes of Asia, Volume II* centra-se nos três últimos países da lista supracitada, embora faça igualmente referência aos seis primeiros, que haviam sido privilegiados pelo livro anterior. Convém sublinhar, portanto, que não estamos em presença de uma mera extensão da amostra (os *new cases* mencionados no título), mas antes de uma importante actualização dos resultados primordiais e da apresentação de novas conclusões (*new findings*). Assim, partindo de material reunido entre Janeiro de 2008 e Junho de 2009, esta segunda obra deve ser situada no contexto de um sólido trabalho prévio. A ponte com o Projecto-base adquire contornos inequívocos, por exemplo, no recurso a uma estrutura multi-metodológica semelhante à do volume precedente, que combina análise de conteúdo dos media, sondagens de opinião e entrevistas exploratórias às elites (i.e. decisores nos universos da Política, Economia, Sociedade Civil e Meios de Comunicação).

Também a estrutura da publicação favorece um enquadramento coeso das informações mais recentes nos horizontes normativos da pesquisa preexistente. O texto de abertura (pp. V-VI), assinado pelo Director-Executivo da ASEF, Dominique Girard, salienta a pertinência do estudo numa altura em que a Fundação procura ampliá-lo à Índia, Macau e Malásia. Este ‘quase-prefácio’ dá lugar à Introdução (pp. 1-17), na qual os três

autores começam por traçar o panorama académico das percepções euro-asiáticas, enfatizando as investigações levadas a cabo desde 2002 pelos próprios Professores Chaban e Holland<sup>6</sup>. Segue-se uma descrição geral dos conteúdos, acompanhada por algumas considerações metodológicas e pela identificação das interrogações a que se quer responder: «Existe uma disparidade cognitiva e comunicativa entre a UE e o mundo exterior? Qual o seu impacte no poder de negociação e perspectivas da UE? E que conclusões emergem para os media e para a Diplomacia Pública?» (p. 17).

Na parte inicial, estas perguntas traduzem-se em abordagens empíricas inéditas nos três países do Sudeste asiático acima indicados. O primeiro Capítulo (pp. 19-51), elaborado por Alma Maria Salvador, Leslie Advincula-Lopez e Manuel Enverga, incide sobre o imaginário da UE nas Filipinas; no segundo (pp. 53-91), Pham Quang Minh, Bui Hai Dang e Tran Bach Hieu apresentam o caso do Vietname; e a realidade da Indonésia aparece exposta no terceiro (p. 93-123) por Cornelis Pieter Frederik Luhulima, Edward Panjaitan e Anika Widiana. Refira-se, a este respeito, que a realização dos estudos por equipas *in loco*, recolhendo dados nas várias línguas locais, imprime credibilidade e reforça o valor científico da análise.

As restantes páginas do livro revisitam a amostra completa do Projecto, num patamar mais geral que parece compensar em representatividade o que perde em pormenor. No Capítulo 4 (pp. 125-157), Martin Holland discute a imagem da UE como actor económico e político nos nove países examinados, enquanto o artigo se-

guinte, de Natalia Chaban (pp. 159-215), explora a atitude das sociedades asiáticas sobre o papel da Europa nos sectores ambiental e de desenvolvimento. O Capítulo 6 (pp. 217-245), que esta última autora divide com Suet Yi Lai, caracteriza os discursos públicos relativos ao *Asia-Europe Meeting* (ASEM)<sup>7</sup>. Finalmente, num breve Capítulo de encerramento (pp. 247-257), Peter Ryan entrega-se à complexa tarefa de sintetizar as conclusões sob a forma de recomendações políticas.

De cariz multidisciplinar, a publicação apresenta contributos diferenciados, mas igualmente relevantes, para cada área implicada na investigação. No que concerne aos *Media Studies*, ainda que não marque um avanço substancial em termos metodológicos, destaca-se pela natureza inovadora do seu alcance. É certo que a observação da cobertura de temas europeus nos meios de comunicação, bem como das atitudes públicas face à UE, tem suscitado um interesse crescente nos meios académicos, sobretudo a partir da última década. Cingindo-se, porém, aos jornais, televisão e rádio de Estados-membros ou candidatos, esses trabalhos negligenciam questões como a da influência da UE junto de audiências internacionais e da implementação das suas políticas comunicativas em países terceiros. Neste sentido, a obra de Natalia Chaban, Martin Holland e Peter Ryan vem suprir uma lacuna problemática, sendo conveniente registar que hoje o NCRE procura trilhar um novo caminho de pesquisa: as representações do continente asiático nos media da Europa.

<sup>6</sup> Vide página oficial dos projectos «Percepções da UE»: <http://www.euperceptions.canterbury.ac.nz/>, onde a iniciativa «A UE no Olhar da Ásia» se encontra apresentada.

<sup>7</sup> O Encontro Ásia-Europa é um processo informal de diálogo e cooperação no qual os vinte e sete Estados-membros da UE e a Comissão Europeia se reúnem com dezasseis países asiáticos e o Secretariado da *Association of Southeast Asian Nations – ASEAN*.

Ao nível dos Estudos Europeus e da Ciência Política, *The EU through the Eyes of Asia, Volume II* reveste-se de toda a importância pela possibilidade de capitalização dos seus resultados no quadro das próprias dinâmicas internas da UE. Esta intersecção entre a investigação académica e o processo de *policy-making* à escala europeia revela-se, aliás, particularmente útil num ano como o de 2010, em que serão ultimados os novos Acordos de Parceria e Cooperação com diversos países da Ásia e terá lugar, em Bruxelas, a oitava Cimeira ASEM, ocasião privilegiada para o diálogo euro-asiático. Por conseguinte, o livro está longe de se dirigir apenas a estudantes, investigadores e Professores Universitários, tornando-se de consulta indispensável para funcionários da UE, membros de Governos, jornalistas, empresários e todos os interessados nas relações entre a Europa e a Ásia.

Ana Isabel Martins  
Bolsista de Doutoramento da FCT/ CEIS20